

CAPÍTULO 8

A poética de resistência na voz de Lima Barreto: proposta para leitura na escola

*Kayla Pacheco Nunes
Raniere Nunes da Silva
Rute da Silva Santos*

INTRODUÇÃO

Fundada mediante a exploração do europeu sobre os muitos e diversos corpos mestiços à custa de suor, sangue e lágrimas, a cultura do Brasil estruturou-se pela resistência. Os becos e barracos espalhados às margens das grandes cidades guardam as marcas daqueles que não tiveram alternativa a não ser a resiliência diante da negação de direitos e violência de toda ordem.

Nesse contexto de desigualdades e resistência, o escritor Lima Barreto (doravante referenciado por Barreto) representa de forma clássica a identidade do povo brasileiro que cresce às margens. Com talento nato e habilidade em orquestrar as palavras para denunciar os fatos que marcaram as vivências do recém-criado Brasil República, é nesse segmento social, no qual experiencia o preconceito sentido na pele e na alma,

que o cronista da então capital federal¹ encontra inspiração para sua escrita ácida e engajada. Assim, afirma que “o Brasil não tem povo, apenas público. Povo luta por seus direitos, público só assiste de camarote”.

Barreto, em prosa e verso, desnuda costumes maculados pelo preconceito da sociedade burguesa de então. Dessa forma, sua produção literária, sempre engajada na denúncia da realidade segregacionista, apresenta traços da poética de resistência, discutida por Bosi (1996, p. 19), sob o enfoque de que “a escrita ficcional teria passado a ser uma variante e, não raro, uma transcrição do discurso político ou da linguagem oral, de preferência popular”.

Embora Barreto não tenha ocupado uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, mesmo tendo se candidatado por três vezes, sua obra é reconhecida na segunda metade do século XX pelo movimento da literatura moderna, que enxerga na obra de muitos autores brasileiros e latino-americanos a voz das minorias silenciadas pela história e registrada sob a ótica da elite branca e excludente. É em meio a esse silenciamento de vozes em massa que nasce a resistência desse autor, lançando sua voz de protesto e denúncia por meio de sua obra. Sobre a escrita de resistência, Bosi explica-nos:

O termo Resistência e suas aproximações com os termos “cultura”, “arte”, “narrativa” foram pensados e formulados no período que corre, aproximadamente, entre 1930 e 1950, quando numerosos intelectuais se engajaram no combate ao fascismo, ao nazismo e às suas formas aparentadas, o franquismo e o salazarismo. [...] Foi um tempo excepcional, um tempo quente de união de forças populares e intelectuais progressistas. Tempo que perdurou na memória dos narradores do imediato pós-guerra, e que produziu o cerne da chamada literatura de resistência, coincidente, e não por acaso, com o ponto de vista estético neo-realista (Bosi, 1996, p. 18-19).

Pelo exposto, pode-se considerar Barreto como um poeta da resistência, uma vez que, em seus textos, “o escritor que se despe dos preconceitos e do imaginário burguês para plasmar uma linguagem aderente ao real e aos valores de progresso, justiça e liberdade”, como apontado por Bosi (1996, p. 19), enquadra-se nesse contexto. Assim sendo, Barreto aduz a resistência como tema da sua narrativa de denúncia de uma realidade silenciada.

Dar voz àqueles que nunca foram ouvidos e ter na linguagem metafórica da literatura o eco para resistir e abrir caminhos à mudança é a intenção maior da poética

1 O apelido foi dado a Lima Barreto na ebiografia publicada por Dilva Frazão, em https://www.ebiografia.com/lima_barreto/.

de resistência. Enquanto produção estética e fazer político, “trata-se, de fundar uma palavra radicalmente antiburguesa, não-conformista, revolucionária, voltada para a construção do novo Homem em uma perspectiva imanente” (Bosi, 1996, p. 22).

É esse papel de resistência ética que Barreto busca exercer em sua breve e conflitiva existência material. Conforme aponta Bosi (1996, p. 22), por meio de sua escrita com denso valor estético, “que se pode qualificar de mentalidade antiburguesa gerada dialeticamente como um não lançado à ideologia dominante”, há um grito de revolta contra o status quo de então.

Diante disso, considera-se que o papel da literatura, para além da construção de competências para apreciação estética, é eminentemente político. Tem contribuição direta na formação de leitores críticos e cidadãos conscientes de seu papel, logo, o trabalho em sala de aula apresenta-se como um desafio a auxiliar os educandos no desenvolvimento de competências e habilidades condizentes à sua formação cultural, política e social.

A pesquisa da qual se origina este capítulo traz uma abordagem qualitativa, com característica interpretativista. As teorias que formam o arcabouço teórico perpassam pela literatura, especificamente a poética de resistência, e elementos da linguística textual, que ajudam na construção de sentido do texto, seja oral ou escrito. O objeto de análise é a crônica *Maio*, de Lima Barreto (daqui para frente, citada em itálico), sobre a qual serão considerados os aspectos da oralidade e o contexto de produção da obra, tendo como base cenários sociais-culturais vividos por Barreto.

As discussões propostas aqui coadunam com as competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que versam sobre a capacidade de um sujeito estar e agir no mundo de forma ética, crítica e participativa, mediante o percurso de aprendizagem que deve percorrer em toda a educação básica. Nessa perspectiva, considera-se de fundamental importância apontar para os discentes e docentes caminhos para leitura literária de obras que estejam no âmbito da poética de resistência.

VIVER É RESISTIR: REFLEXÕES SOBRE A TRAJETÓRIA DE LIMA BARRETO

Filho das Laranjeiras, subúrbio carioca, Afonso Henriques de Lima Barreto, órfão de mãe no mesmo ano da abolição, nasceu em 13 de maio de 1881, sete anos antes da publicação da Lei Áurea que tornaria seus pares libertos com o fim da escravidão no Brasil. Estudou no tradicional Colégio Pedro II (então Ginásio Nacional) e na Escola Politécnica de Engenharia, porém não concluiu o curso para assumir a responsabilidade na manutenção do lar, os cuidados do pai acometido por doença psíquica e dos irmãos mais novos.

Ao longo dos seus 41 anos, viveu a tensão entre seu amor à pátria, com base no que foi narrado na obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*, a revolta pelo ritmo excludente do Rio de Janeiro, enquanto teve de conciliar a vida profissional como escrivão no Ministério da Guerra, o gosto pelo jornalismo e sua vocação para a literatura. Nesse sentido, Ferreira (2009, p. 2) aduz:

Sabe-se que Lima Barreto se mostrava como um incompreendido, um ressentido com o não reconhecimento de seu trabalho. E examinando a sua personalidade, observa-se um indivíduo extremamente fragmentado. [...] O próprio quarto onde o romancista do bairro carioca de Todos os Santos dormia e trabalhava simboliza essa alma atormentada, confusa, que não consegue conviver com as injustiças do mundo em sua volta [...] Uma das contradições que mais incomodavam Barreto era a de ter que ser burocrata e literário. Para o autor era penoso redigir portarias, decretos e avisos quando, na verdade, desejava ter todo o seu tempo dedicado às letras.

Quer seja em seu emprego formal, quer seja no ramo literário, Barreto foi um sobrevivente e teve de suportar o peso de exercer formalmente um ofício que não condizia com suas predileções, como relata em um de seus diários: “o que mais me aborrece na vida é esta secretaria. Não é pelos companheiros, não é pelos diretores. É pela ambiência militar, onde me sinto deslocado e em contradição com a minha consciência” (Barreto, 1956, p. 171).

O literato conviveu com o medo de não ser aceito e esse substantivo abstrato o perseguia em seus escritos, em suas linhas marcadas pela crítica à mentalidade burguesa na virada para o século XX. Ele é o primeiro autor brasileiro autodeclarado negro. Para Schwarcz (2010, p. 19), “nomear constantemente sua cor, bem como a de seus personagens, representava, a um só tempo, uma regra de integração e uma forma de distinção e agenciamento”. Essa marca identificada revela-nos tamanha coragem e luta ao mesmo tempo que descortina uma dor imensurável carregada pelos dias difíceis e conflituosos que ele e tantos outros viviam.

O preconceito racial foi um dos temas mais latentes em sua obra, evidenciado desde a primeira publicação em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), retrato de sua experiência pessoal. No encontro entre a memória e a fantasia, com teor de indignação e denúncia, “Lima Barreto explora bem os diversos tipos de cenário carioca: malandros, ingênuos, espertos, empresários, boêmios, bebedores, mulheres de vida fácil, mães que são arrimos de família ou meninas que descobrem as mazelas do amor” (Schwarcz, 2010, p. 15).

A sensibilidade em retratar de forma irônica e metaforizada o contexto social do período de transição na esfera política do país com o advento da República ganha corpo com a publicação de sua principal obra, *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1911). Junto a isso, expõe os traços memorialísticos e um desfecho dramático que, de certa forma, confunde-se com sua própria vida. “Dentro da produção literária desse escritor, com frequência apresentada pela crítica como ‘realista’, a biografia fermenta a literatura e vice-versa” (Schwarcz, 2010, p. 10).

Pelas tramas autênticas, bem como pela tentativa insistente de se desvencilhar da influência europeia e adotar a linguagem do povo e para o povo brasileiro, embora a recorrência de expressões eruditas fosse facilmente percebida no conflito entre o conservadorismo e a modernidade, esse movimento pode hoje ser reconhecido como um dos precursores da conquista da identidade nacional na produção literária que abriu caminhos para a estética modernista, segundo Dilva Frazão²

Temos diante de nós uma personalidade complexa, ambivalente, que batalha pela autonomia de sua escrita, mas se sente inadaptada e incapacitada de realizar tal propósito, por conta de sua origem social e étnica ou seu desempenho em sociedade. A literatura parece ser, assim, refúgio e igualmente muralha. [...] Oscilaria, dramaticamente, entre se ajustar aos cânones vigentes e desafiá-los; entre tomar parte dos círculos literários oficiais e criticá-los (Schwarcz, 2010, p. 10).

Mesmo não tendo sido reconhecido como o jovem que Afonso Henriques idealizava, o estilo literário de Lima Barreto e sua atuação para a circulação da produção literária nas camadas populares torna-o protagonista do movimento de transição que inaugura a literatura dos brasileiros.³ “Criava, assim, um círculo literário alternativo, paralelo ao grupo da Academia Brasileira de Letras, ABL, ou em contraste com este” (Schwarcz, 2010, p. 15). E aqui pode-se considerar que reside sua maior contribuição à poética de resistência.

2 Esse período que não chegou a constituir um movimento literário foi denominado Pré-Modernismo. Entre outros autores desse período, destacam-se Euclides da Cunha e Monteiro Lobato. Texto disponível em https://www.ebiografia.com/lima_barreto/. Acesso em 10 dez. 2022.

3 Lima Barreto procurou “escrever brasileiro”, com simplicidade. Para isso, teve de ignorar muitas vezes as normas gramaticais e de estilo, provocando a ira dos meios acadêmicos e dos conservadores. Expressão utilizada no texto disponível em Frazão, Dilva. eBiografia de Lima Barreto, disponível em https://www.ebiografia.com/lima_barreto/. Acesso em 10 dez. 2022.

A escrita resistente (aquela opção que escolherá afinal temas, situações, personagens) decorre de um a priori ético, um sentimento do bem e do mal, uma intuição do verdadeiro e do falso, que já se põe em tensão com o estilo e a mentalidade dominantes (Bosi, 1996 p. 22).

À medida que bradava sátiras a costumes sociais excludentes da elite carioca, como a prática do futebol como esporte importado e restrito aos jovens burgueses, buscava enaltecer o povo das periferias com a riqueza da realidade da grande massa popular.

Nas análises de Lima Barreto, fica clara a sua repulsa por um esporte que vetava a participação de negros. Realmente, havia uma distinção social nos clubes e Barreto via nessas atitudes uma continuação de um passado de segregação racial. O fato é que a Liga Metropolitana de futebol excluía de seus quadros jogadores negros, operários, cocheiros, barbeiros, soldados, enfim todos aqueles que não pertenciam à alta sociedade. Assim, quando o criador de Policarpo Quaresma funda uma “Liga contra o foot-ball” com seus amigos, não luta, na realidade, contra o esporte, mas sim em oposição às desigualdades sociais propagadas pelo futebol e pelo tipo de sociedade que esse esporte exemplifica (Ferreira, 2009, p. 6).

Considerado como porta-voz dos excluídos,⁴ Barreto assume papel primordial ao arcar com a crítica literária e social da época, fato que o motivava a explorar cada vez mais os cenários contrastantes de desigualdades e injustiças socioeconômicas no despontar do século XX. Ao destacar que *“por esse intrincado labirinto de ruas e bibocas é que vive uma grande parte da população da cidade, a cuja existência o governo fecha os olhos”*, sua narrativa trouxe diversos debates, por exemplo, a cor da pele, endereço/moradia ou a relação entre o subúrbio e o centro, e classe social. Schwarcz (2010, p. 21) enfatiza:

Negro em meio a uma elite intelectual branca; pobre, num contexto social com aspirações e ares de riqueza; morador do subúrbio cercado por pares da corte e ainda contando com uma clara dificuldade afetiva, faz de seu corpo expressão de uma condição. Apresentou-se a partir desse repertório de diferenças. [...] Só um negro, carregando a experiência sensível que sua condição traz, se preocuparia tanto em descrever cores, costumes, sempre de modo contrastivo.

4 Termo atribuído a Lima Barreto por Ferreira (2009).

Dando voz aos subalternos, provocou o deslocamento do olhar literário majoritariamente voltado ao centro burguês até o subúrbio da sociedade carioca. Com linguagem que valida seu lugar de fala, o poeta das margens revela o outro lado da Cidade Maravilhosa, apontando os problemas sociais latentes que se multiplicavam diante dos olhos vendados da cultura excludente de então. Ao chamar a atenção para a sociedade estratificada, exerce a escrita de vanguarda que viria a ser considerada “estética radical” por Schwarcz (1983, p. 8), e que seria consagrada com a geração de 1930 do Modernismo brasileiro.

O estilo de escrita discriminado pela crítica literária da época traduz o preconceito velado também pelos enredos, cenários, personagens mobilizados e pela figura do próprio autor. Sobre esse aspecto, Coronel (2013, p. 53-54) ressalta que o problema passa a ser “falar de dentro da zona periférica sem tornar-se a figura exótica do ‘autor favelado’, pois o autor subalterno encontra-se isolado do mercado de bens simbólicos instituído”.

O contexto de inconformidade, o espírito inquieto diante da reprodução de comportamentos segregacionistas após mais de uma década da abolição somados aos conflitos do ambiente familiar, levaram-no a buscar abrigo em subterfúgios que abreviaram sua atuação na literatura e na transformação social da comunidade de sua época. Cumpre ressaltar que suas últimas produções expressam a tensão eu/mundo apontada por Bosi (1996, p. 23) como perspectiva crítica imanente à escrita “que torna o romance não mais uma variante literária da rotina social, mas o seu avesso; logo, o oposto do discurso ideológico do homem médio”. Nessa lógica, acrescenta o autor:

O romancista “imitaria” a vida, sim, mas qual vida? Aquela cujo sentido dramático escapa a homens e mulheres entorpecidos ou automatizados por seus hábitos cotidianos. A vida como objeto de busca e construção, e não a vida como encadeamento de tempos vazios e inertes. Caso essa pobre vida-morte deva ser tematizada, ela aparecerá como tal, degradada, sem a aura positiva com que as palavras “realismo” e “realidade” são usadas nos discursos que fazem a apologia conformista da “vida como ela é”... A escrita de resistência, a narrativa atravessada pela tensão crítica, mostra, sem retórica nem alarde ideológico, que essa “vida como ela é” é, quase sempre, o ramerrão de um mecanismo alienante, precisamente o contrário da vida plena e digna de ser vivida (Bosi 1996, p. 23).

A vida de Barreto foi marcada por várias adversidades. Entre as crises alucinógenas provocadas pela dependência química, encontra inspiração para escrever *Diário do hospício* (1919), em que narra as internações a que foi submetido, e *O cemitério dos vivos*, romance inacabado, publicado em 1956. Dessa obra, extrai-se o trecho a

seguir, no qual se observa o momento dramático vivido por Barreto no desfecho de sua breve trajetória:

De mim para mim, tenho certeza que não sou louco. [...] Não me incomodo muito com o Hospício, mas o que me aborrece é essa intromissão da polícia na minha vida. De mim para mim, tenho certeza de que não sou louco; mas devido ao álcool, misturado com toda espécie de apreensões que as dificuldades da minha vida material há seis anos me assoberbam, de quando em quando dou sinais de loucura: delírio [...] Agora, que creio ser a última ou a penúltima, porque daqui não sairei vivo, se entrar outra vez, penetrei no pavilhão calmo, tranquilo, sem nenhum sintoma de loucura, embora toda a noite tivesse andado pelos subúrbios sem dinheiro, a procurar uma delegacia, a fim de queixar-me ao delegado das coisas mais fantásticas dessa vida, vendo as coisas mais fantásticas que se possam imaginar.

Como acrescenta Bosi (1996), desistência é antônimo de resistência e Barreto segue resistindo. Sua escrita encerrou-se em 1º novembro de 1922, data de seu falecimento no Rio de Janeiro, aos 41 anos, mas sua voz permanece. Além das obras já mencionadas, entre poemas, crônicas, contos, romances e diários, também publicou *Numa e ninfia* (1915); *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919); *Clara dos Anjos* (1948); *Diário íntimo* (1953).

Atentos ao estilo da poética de resistência em que, segundo Bosi (1996 p. 27), “a narrativa descobre a vida verdadeira, esta abraça e transcende a vida real”; enquanto expressão da realidade pela arte, a literatura resiste como “o lugar da fantasia, da verdade mais exigente”:

A escrita trabalha não só com a memória das coisas realmente acontecidas, mas com todo o reino do possível e do imaginável. O narrador cria, segundo o seu desejo, representações do bem, representações do mal ou representações ambivalentes. Graças à exploração das técnicas do foco narrativo, o romancista poderá levar ao primeiro plano do texto ficcional toda uma fenomenologia de resistência do eu aos valores ou antivalores do seu meio. Dá-se assim uma subjetivação intensa do fenômeno ético da resistência, o que é a figura moderna do herói antigo. Esse tratamento livre e diferenciado permite que o leitor acompanhe os movimentos não raro contraditórios da consciência, quer das personagens, quer do narrador em primeira pessoa (Bosi, 1996, p. 15).

Nesse espaço amplo de liberdade inventiva citado por Bosi (1996), nas linhas em que reúne personagens e cenários da vida carioca com narrativas marcadas pela oralidade, em prosa e verso, reivindica seu lugar no tecido social fragmentado e excludente. Na literatura, Barreto encontra sua arma para lutar e, pela palavra, resiste contra a estrutura socioeconômica e política que impedia os filhos das classes populares como ele de ascenderem a posições de maior prestígio social. É sobre uma de suas crônicas que trataremos a seguir.

MARCAS DE ORALIDADE NA ESCRITA DE LIMA BARRETO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA LINGÜÍSTICA DE TEXTO

A fala e a escrita, outrora enxergadas como duas atividades sociais dissociadas, permitem, dentro de cada função proposta, que o sujeito construa textos que assegurem o processo comunicacional. Nesse ponto de vista, é possível inferir que, para além da dicotomia que se estabeleceu ao longo do tempo, tanto a fala quanto a escrita devem ser vistas como modalidades que se complementam em práticas sociais específicas. Marcuschi (2010) complementa:

Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante (p. 17).

A afirmação de Marcuschi mostra que, apesar de não serem dicotômicas, fala e escrita gozam de aspectos linguísticos próprios. Junto a isso, o contexto em que cada uma se insere implicará atos que permitirão ao locutor/interlocutor produzir coerência, seja a partir dos turnos de fala ou da elaboração escrita de textos.

A esse respeito, Barreto organiza sua crônica por meio de tópicos discursivos que, de uma perspectiva sociointerativa da linguagem, relatam tanto suas insatisfações quanto seu desejo de mudança. Koch e Elias (2014, p. 101) acrescentam que “todo texto faz remissão a outro(s) efetivamente já produzido(s) e que faz(em) parte da memória dos leitores”, assim a escrita dele denuncia as desigualdades sociais, as dores e adversidades enfrentadas no advento da República no Brasil.

Amparados teoricamente nos pressupostos da linguística textual e da análise da conversação, analisamos a crônica *Maio*, publicada por Lima Barreto na *Gazeta da Tarde*, em 4 de maio de 1911. O texto integra o volume I (1890-1919), da coletânea *Toda crônica*, organizado por Beatriz Resende e Raquel Valença e publicado em 2004. Sobre o processo de análise, Antunes (2010) enfatiza:

Vale salientar, contudo, *que qualquer análise, de qualquer segmento deve ser feita, sempre, em função do sentido, da compreensão, da coerência, da interpretabilidade do que é dito*. O que significa admitir que, em qualquer análise, a questão maior é sempre a compreensão do que se diz e de como e para que se diz o que é dito. A análise das formas pelas formas significa muito pouco. As formas se expressam para significar; como recursos ou meios que possibilitam o entendimento mútuo dos interlocutores envolvidos (p. 59, grifo do autor).

Dessa forma, a análise textual pressupõe o entendimento, bem como o conhecimento de estruturas que permitam ao leitor construir sentido, a partir do que o texto traz. Koch e Travaglia (2002), a esse respeito, apresentam princípios centrados tanto no texto quanto no usuário/leitor que ajudam no processo de interpretação textual, conforme segue:

A *situacionalidade* refere-se ao conjunto de fatores que tornam um texto relevante para a situação comunicativa em curso ou passível de ser reconstruída. [...] Trata-se neste caso, de determinar em que medida a situação comunicativa, tanto o contexto imediato da situação como o entorno sócio-político-cultural em que a interação está inserida, interfere na produção/recepção do texto [...]. A *informatividade* diz respeito, por um lado, à distribuição de informação no texto, e, por outro, ao grau de previsibilidade/redundância com que a informação nele contida é veiculada.

[...] Os *fatores de contextualização*, responsáveis [...] pela ancoragem do texto em dada situação comunicativa. Menciona dois subtipos: os contextualizadores propriamente ditos (data, local, assinatura, timbre, em documentos oficiais, diagramação, localização na página [...]) e os prospectivos, que permitem avançar expectativas sobre o texto (título, nome do autor, início do texto) (p. 51-52, grifos do autor).

Da leitura, pelas pausas e alongamentos, apreende-se um saudosismo e certa melancolia a uma semana de completar 30 anos. E é esse estado de espírito que dá o tom da crônica que rememora seu sétimo aniversário, um misto de ternura pela memória da infância com teor sarcástico pelo momento histórico e as cenas que atravessaram aquele dia, pois, como aponta Bosi,

A poesia, forma auroral da cultura, está aquém da teoria e da ação ética, o que não significa, porém, que não possa conter em si a sua verdade, a sua moral; e

sobretudo, o seu modo, figural e expressivo, de revelar a mentira da ideologia, a trama do preconceito, as tentações do estereótipo (Bosi 1996, p. 24).

No primeiro parágrafo, as frases estruturadas em períodos curtos marcam a presença da oralidade do texto por meio das descrições de que lança mão para ilustrar a importância do momento que rememora:

Estamos em maio, o mês das flores, o mês sagrado pela poesia. Não é sem emoção que o vejo entrar. Há em minha alma um renovamento; as ambições desabrocham de novo e, de novo, me chegam revoadas de sonhos. Nasci sob o seu signo, a treze, e creio que em sexta-feira; e, por isso, também à emoção que o mês sagrado me traz, se misturam recordações da minha meninice.

Os verbos empregados no presente do indicativo e conjugados na primeira pessoa em “estamos em maio”, dão a noção de presença, de proximidade com o leitor. Barreto estabelece, logo nas primeiras linhas de sua lembrança, um diálogo íntimo, como se estivesse face a face com um amigo.

Em suas palavras, aquele fora um dia festivo não apenas pela passagem de sua data natalícia, numa sexta-feira 13, mas por representar um marco na história do seu país e do seu povo, o 13 de maio da abolição. Por ironia do destino, a data tinha uma relação tão pessoal consigo, o que lhe dá o ar de sagrada. E acrescenta: “*Agora mesmo estou a lembrar-me que, em 1888, dias antes da data áurea, meu pai chegou em casa e disse-me: a lei da abolição vai passar no dia de teus anos.*”. Ao introduzir o discurso direto para ilustrar a fala do pai, sinaliza a nitidez da lembrança que vem à tona.

Era declarado o fim da escravidão no Brasil e ele, tão menino, fora testemunha do ato que desenhou a imagem de redentora à princesa Isabel. E de fato passou; e nós fomos esperar a assinatura no Largo do Paço. [...] Havia uma imensa multidão ansiosa, com o olhar preso às janelas do velho casarão. Afinal a lei foi assinada e, num segundo, todos aqueles milhares de pessoas o souberam. A princesa veio à janela. Foi uma ovação: palmas, acenos com lenço, vivas [...]

Podemos identificar no texto duas mudanças de tópico discursivo. O primeiro tópico concentra-se nas lembranças do dia 13 de maio, data de aniversário da voz enunciativa; ele já inicia situando o leitor em relação ao momento dos fatos, quando enuncia: “Estamos em maio, o mês das flores, o mês sagrado pela poesia.”. E, a partir disso, vai contando todas as suas lembranças. São muitos os detalhes daquela data

sobre os quais vai fazendo uma descrição minuciosa, ilustrando o clima e os eventos celebrados.

Quando aparece em suas lembranças a figura inebriante da princesa Isabel, refere-se a ela como se, em suas lembranças, essa imagem tivesse um valor simbólico especial. A descrição feita pode ser considerada uma digressão; não bastava apenas dizer: “*e eu me lembro que vi a princesa imperial*”. Era necessário informar o leitor sobre como era essa princesa, mesmo que isso não colaborasse para desenvolver o tópico em curso, ou seja, a abolição e o dia de seu aniversário. É nesse sentido que assim se refere à autora da lei então outorgada.

Ela me parecia loura, muito loura, maternal, com um olhar doce e apiedado.
Nunca mais a vi e o imperador nunca vi, mas me lembro dos seus carros,
aqueles enormes carros dourados, puxados por quatro cavalos, com cocheiros
montados e um criado à traseira.

Nota-se que a repetição da cor dos cabelos garante a progressão temática. O adjetivo “maternal” revela que ele e todas aquelas pessoas viam na princesa uma matriarca cheia de doçura, capaz de sempre amparar e cuidar dos seus filhos. Os adjetivos “doce” e “apiedado” atribuídos ao olhar marcam a modalização selecionada para trazer a distância entre o narrador e a personagem, em posições sociais diretamente opostas. Embora tenha vivido no mesmo bairro que a família imperial, aquela foi a única oportunidade de olhar as figuras que ficariam guardadas na memória do menino que, embora tivesse nascido livre, herdara a exclusão e o preconceito dos povos escravizados até então.

Eu tinha então sete anos e o cativo não me impressionava. Não lhe imaginava
o horror; não conhecia a sua injustiça. Eu me recordo, nunca conheci uma pessoa
escrava. Criado no Rio de Janeiro, na cidade, onde já os escravos rareavam,
faltava-me o conhecimento direto da vexatória instituição, para lhe sentir bem
os aspectos hediondos.

Era bom saber se a alegria que trouxe à cidade a lei da abolição foi geral pelo
país. Havia de ser, porque já tinha entrado na consciência de todos a injustiça
originária da escravidão.

Depois de falar sobre a princesa, ele retoma o tópico discursivo enunciando: “*Eu tinha então sete anos e o cativo não me impressionava*”. A indiferença revelada sobre a situação dos povos escravizados é justificada pela ausência da experiência sensível de ver e conviver com pessoas nessa condição durante a infância. O que não o isenta

de, aos 30 anos, ter consciência da dívida histórica que o regime escravocrata gerou, pois conhecer os efeitos políticos e sociais decorrentes desse marco em dimensões nacionais parecia-lhe útil e justificava a alegria testemunhada nas ruas quando ainda menino.

Em meio às lembranças de um dia feliz para tantos, seu tom irônico denota, em seguida, o espírito incrédulo com as benesses do ato progressista, pois ainda “estamos longe de ser livres!” em função do preconceito velado e vigente. “*Como ainda nos enleamos nas teias dos preceitos, das regras e das leis!*”. Podemos considerar essa sua enunciação como outra digressão, pois ele abre um novo parágrafo apenas para esse suspiro de indignação. Além disso, essas recordações o faziam refletir sobre sua inocência de criança diante daquele quadro real que se pintava aos olhos de todos com as cores da ternura e da benevolência para disfarçar a maldade do povo europeu.

Outrossim, o tom poético, sempre marcado pelas interjeições e pausas, como em “*Primeiro são os sonhos de posição: com os dias e as horas e, a pouco e pouco, a gente vai descendo de ministro a amanuense; depois são os do Amor – oh! como se desce nesses! Os de saber, de erudição, vão caindo até ficarem reduzidos ao bondoso Larousse. Viagens...*”, denotam o modo de dizer sempre em ritmo de nostalgia e introspecção. Suas lembranças continuam fluindo e vão sendo detalhadas com leveza e paciência. De repente, faz uma breve reflexão sobre suas recordações, e aí temos a passagem para um novo tópico discursivo: “*São boas essas recordações; elas têm um perfume de saudade e fazem com que sintamos a eternidade do tempo*”.

Os parágrafos seguintes passam a ser elencados com uma reflexão filosófica sobre o tempo e sobre as nossas ações. Leiamos um trecho desse novo tópico discursivo:

Oh! O tempo! O inflexível tempo, que como o Amor, é também irmão da Morte, vai ceifando aspirações, tirando presunções, trazendo desalentos, e só nos deixa na alma essa saudade do passado às vezes composta de coisas fúteis, cujo relembrar, porém, traz sempre prazer.

Além da fugacidade do tempo, as decepções com o passar dos anos e as experiências vividas dão o ar de lamento e saudade pelas lembranças inocentes, as quais caracteriza como fúteis, mas felizes. A caracterização das lembranças como “coisas fúteis”, mas que lhe trouxeram “prazer”, deixa evidente sua postura pautada pela autocrítica.

O ato de lembrar com ternura os tempos de outrora vem sempre acompanhado da dura realidade, ironizada pelas metáforas que sempre marcam e destacam a consciência de sua posição social, como no trecho “*Viagens... Oh! As viagens! Ficamos a fazê-las nos nossos pobres quartos, com auxílio do Baedeker e outros livros compla-*

centes”. Ler, além de ser fonte de conhecimento e cultura, tornava-se uma forma de escapismo para a sobrevivência.

Assim, o que pode ter sido um momento feliz, torna-se mais um motivo para mergulhar em certa amargura provocada pelos dissabores de viver sufocado pelo status quo vigente no despontar do novo século. A tela do Ato Institucional da Lei Áurea, que ficara eternizada em suas memórias de menino como símbolo de requinte e liberdade, passa a ser desconstruída à medida que ele vai crescendo e observando o subúrbio carioca envolto pela pobreza, pelas discriminações e pelas injustiças.

Obras, satisfações, glórias, tudo se esvai e se esbate. Pelos trinta anos, a gente que se julgava Shakespeare, está crente que não passa de um “Mal das Vinhas” qualquer; tenazmente, porém, ficamos a viver, esperando, esperando... o quê? O imprevisto, o que pode acontecer amanhã ou depois. Esperando os milagres do tempo e olhando o céu vazio de Deus ou deuses, mas sempre olhando para ele, como o filósofo Guyau.

Esperando, quem sabe se a sorte grande ou um tesouro oculto no quintal?

A mobilização dos verbos ora no presente do indicativo como em “*se esvai e se esbate*”, acompanhado pela conjugação no pretérito imperfeito em “*julgava*” e retomados no presente “*está/não passa/ficamos*” dá ao leitor a sensação de retomada do fôlego, que inspirado pela revolta de presenciar o antes e o agora sem mudanças de fato, são regulados pela ação do tempo, pela repetição dos meses, das estações, dos costumes. Após fazer também a nós, leitores, refletir sobre o valor do tempo em nossas vidas, ele retoma o tópico discursivo inicial no antepenúltimo parágrafo da crônica: “E maio volta...”. O uso das reticências dá-nos ideia de continuidade de suas recordações. Leiamos:

E maio volta... Há pelo ar blandícias e afagos; as coisas ligeiras têm mais poesia; os pássaros como que cantam melhor; o verde das encostas é mais macio; um forte fluxo de vida percorre e anima tudo...

O mês agosto e sagrado pela poesia e pela arte, jungido eternamente à marcha da Terra, volta; e os galhos da nossa alma que tinham sido amputados – os sonhos, enchem-se de brotos muito verdes, de um claro e macio verde de pelúcia, reverdecem mais uma vez, para de novo perderem as folhas, secarem, antes mesmo de chegar o tórrido dezembro.

Apesar da força para denunciar as agruras provocadas pelo regime escravocrata ainda vigente nos valores arraigados de preconceito e segregação, talvez pela data

que inspira a crônica, o enunciador do texto deixa transparecer certo cansaço por ser então uma única voz em meio à multidão. *“E assim se faz a vida, com desalentos e esperanças, com recordações e saudades, com tolices e coisas sensatas, com baixezas e grandezas, à espera da morte, da doce morte, padroeira dos aflitos e desesperados...”*

A hesitação que marca o final da crônica remete mais uma vez à postura reflexiva e de indignação com a qual Barreto conduziu toda sua obra e a própria vida. Para resistir à ordem vigente, para lutar por sua causa, muitas vezes gritou, mas há momentos em que é preciso baixar o tom para ser ouvido.

FOMENTAR EMPATIA PELA LEITURA E FORMAR LEITORES CRÍTICOS

Para dialogar sobre leitura literária no viés da poética de resistência e apresentar uma proposta de leitura para a sala de aula à luz da linguística textual, tomamos como referência a etapa do ensino médio por atender aos estudantes na faixa etária acima dos 14 anos, momento em que, cognitiva e socioculturalmente, apresentam predisposição para os temas de ordem coletiva, como delineado no documento orientador da educação básica, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Para a educação, a noção de juventude implica “reconhecer os jovens como participantes ativos das sociedades nas quais estão inseridos, sociedades essas também tão dinâmicas e diversas” (Brasil, 2018, p. 463).

Dessa forma, consideramos que levar à sala de aula leituras que oportunizem ao aluno da educação básica refletir sobre os desdobramentos que o seio social apresenta, seja mediante leituras do passado ou do presente, é dar suporte para que sejam protagonistas de seu próprio percurso de formação como leitores e sujeitos, assim como preconiza a BNCC:

Para formar esses jovens como sujeitos críticos, criativos, autônomos e responsáveis, cabe às escolas de Ensino Médio proporcionar experiências e processos que lhes garantam as aprendizagens necessárias para a leitura da realidade, o enfrentamento dos novos desafios da contemporaneidade (sociais, econômicos e ambientais) e a tomada de decisões éticas e fundamentadas (Brasil, 2018, p. 463).

Tratando de modo mais particular do componente de linguagens, baseamos as sugestões aqui construídas para o trabalho com a literatura no ensino médio a partir do disposto no Documento Curricular do Tocantins (DCT). Por ser o documento orientador de nossa prática docente, bem como por ser o responsável pelo desenho curricular a que nossos estudantes estão subordinados, mobilizamos do DCT as

habilidades voltadas à prática da leitura literária, numa tentativa de delinear as possibilidades para o trabalho com a poética de resistência. Como aponta o documento:

No Ensino Médio, as habilidades da área de Linguagens e suas Tecnologias têm como foco consolidar e aprofundar as aprendizagens essenciais dos estudantes sobre as práticas de linguagens na vida cotidiana seja no espaço escolar, familiar, do trabalho e nas relações sociais (Tocantins, 2022, p. 16).

Signatário da BNCC, o DCT também organiza a área de linguagens em cinco campos de atuação social: práticas de estudo e pesquisa, jornalístico-midiático, atuação na vida pública, vida pessoal e artístico-literário. Estes dois últimos, que estão no cerne de nossa discussão, têm como meta oportunizar aos estudantes que reconheçam, valorizem e produzam as manifestações estéticas de forma sensível e crítica:

Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário e do desenvolvimento da fruição. A análise contextualizada de produções artísticas e dos textos literários, com destaque para os clássicos, intensifica-se no Ensino Médio. Gêneros e formas diversas de produções vinculadas à apreciação de obras artísticas e produções culturais (resenhas, vlogs, podcasts literários, culturais etc.) ou a formas de apropriação do texto literário, de produções cinematográficas e teatrais e de outras manifestações artísticas (remediações, paródias, estilizações, videominutos, fanfics, etc.) continuam a ser considerados associados a habilidades técnicas e estéticas mais refinadas (Tocantins, 2022, p. 36).

Organizada em quatro componentes, na área de linguagens, o trabalho com a literatura é delimitado como função dos professores de língua portuguesa, podendo ser abordado de forma interdisciplinar com o ensino de artes. Para o desenvolvimento da competência linguística, cita leitura crítica e percepção das diferentes linguagens:

O conhecimento deve ser compreendido como resultante de um processo histórico, construído socialmente no jogo das interações verbais. Dessa forma, a sala de aula constitui-se em um espaço de interação, por meio de processos interlocutivos e variedades linguísticas para que os valores sociais a eles atribuídos possam ser discutidos e vivenciados (Tocantins, 2022, p. 25).

No intuito de oferecer uma experiência de leitura com vistas à poética de resistência, para as atividades aqui elaboradas, selecionamos do DCT (Diretrizes Curriculares do Estado do Tocantins) habilidades e respectivos objetos de conhecimento que

direcionem o aluno a uma leitura situada, entonada, crítica, reflexiva e dialogada. Tais orientações buscam levar o aluno a desenvolver a competência 2:

Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza (Tocantins, 2022, p. 31).

Para tornar nosso percurso mais didático, organizamos as habilidades e os objetos de conhecimento na Tabela 8.1.

Tabela 8.1 Diretrizes Curriculares do Tocantins

Campo	Habilidade	Objeto de conhecimento
Vida pessoal	(EM13LP20) ⁵ Compartilhar gostos, interesses, práticas culturais, temas/problemas/questões que despertam maior interesse ou preocupação respeitando e valorizando diferenças, como forma de identificar afinidades e interesses comuns, como também de organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins.	Produção de textos orais, escritos e ampliação de repertórios. Socialização de interesses comuns em relação às práticas culturais, no âmbito nacional, regional e local (músicas, danças, filmes, livros, peças teatrais, jogos e outros).
Artístico-literário	(EM13LP52) Analisar obras significativas das literaturas brasileiras e de outros países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos) ou outros critérios relacionados a diferentes matrizes culturais, considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como dialogam com o presente.	Repertórios de leitura: literatura brasileira, portuguesa, indígena, africana e latino-americana, tocaninense. Reconstrução das condições de produção, circulação e recepção de textos artístico-literários. Apreciação (avaliação de aspectos éticos, estéticos e políticos em textos e produções artísticas e culturais etc.).
Artístico-literário	(EM13LP53) Produzir apresentações e comentários apreciativos e críticos sobre livros, filmes, discos, canções, espetáculos de teatro e dança, exposições etc. (resenhas, vlogs e podcasts literários e artísticos, playlists comentadas, fanzines, e-zines etc.).	Repertórios de leitura e de apreciação. Reconstrução das condições de produção, circulação e recepção. Apreciação (avaliação de aspectos éticos, estéticos e políticos em textos e produções artísticas e culturais etc.). Réplica (posicionamento responsável em relação a temas, visões de mundo e ideologias veiculados por textos e atos de linguagem). Reconstrução da textualidade e compreensão dos efeitos de sentido provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos. Relações entre textos e discursos. Produção de textos orais e escritos (reescrita). Obras literárias

Tabela 8.1 Diretrizes Curriculares do Tocantins

Campo	Habilidade	Objeto de conhecimento
Todos os campos de atuação social	(EM13LP02) Estabelecer relações entre as partes do texto, tanto na produção como na leitura/escuta, considerando a construção composicional e o estilo do gênero, usando/reconhecendo adequadamente elementos e recursos coesivos diversos que contribuam para a coerência, a continuidade do texto e sua progressão temática, e organizando informações, tendo em vista as condições de produção e as relações lógico-discursivas envolvidas (causa/efeito ou consequência; tese/argumentos; problema/solução; definição/exemplos etc.).	Situações de produção, circulação e recepção de texto. Coesão e coerência. Estrutura, construção e estilos de gêneros textuais. Relações lógico-discursivas. Construção de sentidos (pressuposição e inferência; dêixis, anáfora, catáfora, elipse, substituição, lexical, referência e outros).
Todos os campos de atuação social	(EM13LP04) Estabelecer relações de interdiscursividade e intertextualidade para explicitar, sustentar e conferir consistência a posicionamentos e para construir e corroborar explicações e relatos, fazendo uso de citações e paráfrases devidamente marcadas.	Análise e compreensão dos aspectos de textualidade e intertextualidade, utilizados para explicação e consistência a posicionamentos e informações (paráfrase, citação e estilização).

Fonte: Tocantins, 2022.

Para possibilitar práticas estruturantes de linguagens, o DCT aponta a oralidade como ferramenta capaz de organizar a prática comunicativa. Tomando a estética de Lima Barreto como objeto para a atividade aqui proposta, estruturamos nosso percurso pelo eixo da oralidade. Como orientado pelo DCT, o professor precisa aplicar estratégias didáticas que transformem suas aulas em um ambiente gerador de interação.

Assim, reforça-se que o trabalho com a língua falada requer sistematização, tendo em vista oportunizar aos estudantes atividades que estimulem o falar e o ouvir, situações que exijam interpretação e confronto de ideias, para assim desenvolver a expressão oral e o respeito a diferentes formas de utilizar a língua (Tocantins, 2022, p. 30).

Como pontuado por Assis (2016), o trabalho com o texto oral deve ser estruturado com etapas. Sendo assim, organizamos a leitura da crônica *Maio* em quatro passos: 1) contextualização; 2) convite à leitura; 3) leitura partilhada em voz alta e leitura silenciosa; 4) socialização das impressões à luz da poética de resistência.

O primeiro passo, para antecipar o gênero a ser abordado, consiste em contextualizar e apresentar que o objetivo da aula é falar do tema memória. Para isso, o professor pode questionar os alunos sobre o que entendem da palavra memória, que lembranças têm da infância, solicitar que citem um fato ou dia que lhes tenha ficado marcado. Tudo isso de forma breve.

Para aguçar a curiosidade e convidar os alunos à leitura de forma atraente, o próximo passo pode ser apresentado por meio de pistas linguísticas. No quadro ou

em projeção, apresentar palavras do contexto de aniversário, como amigos reunidos, balões, bolo, velas, lembranças, o que configura como o tópico discursivo para que os alunos identifiquem o tema da leitura a ser proposta. O tema da leitura então é antecipado a partir do questionamento sobre como geralmente comemoram seus aniversários. Como bem sugere Assis (2016, p. 84), para concluir essa etapa, “pode-se, então, pensar em uma atividade que proponha a discussão de um assunto polêmico, uma vez que isso pode causar, quase espontaneamente, o envolvimento de todos”. O professor pode questionar ao grupo se todos os aniversários são iguais, independentemente de classe social. “Ao mestre cabe lembrar que a conversação não é lugar do caos, que se organiza em turnos e cada falante deve respeitar o turno do outro. Assim, antes de colocarem seus pontos de vista, devem esperar a conclusão da exposição do outro” (Assis, 2016, p. 85)

Antes de proceder ao terceiro passo e iniciar a leitura compartilhada da crônica de Lima Barreto, é importante apresentar breve biografia do autor e seu estilo de escrita. A imagem do escritor, projetada em cores, pode auxiliar nesse exercício, pois ao remeter ao período histórico em que viveu, os leitores poderão contextualizar as informações e compreender melhor as escolhas linguísticas que ele faz.

Com o texto em mãos, ou projetado para a turma, convidá-los à leitura compartilhada em voz alta de forma voluntária. Para esse ponto, requer-se abordar as características e a estrutura do gênero crônica. Como diz Assis (2016, p. 87), a crônica é “um gênero discursivo escrito que se aproxima dos gêneros falados da língua”; daí a importância de estudá-la com enfoque na oralidade. Assim, o professor precisa trabalhar com as pistas linguísticas do texto que denotam a oralidade, instigando os alunos a percebê-las. Com vistas ao DCT, temos as habilidades que necessitam ser trabalhadas na escola no eixo da análise linguística, teorizada pela linguística textual. Desse modo, orientamos que os aspectos textuais de oralidade da crônica de Lima Barreto sejam levados em conta no momento da leitura. É interessante que a leitura seja dinamizada na roda de leitura e que questionamentos sejam levantados a partir das pistas linguísticas que o texto oferece. Dependendo dos conteúdos gramaticais já trabalhados na aula de língua portuguesa, como elementos anafóricos e catafóricos, aspectos de textualidade e outros (discriminados na tabela do DCT), estes podem ser recuperados na análise da crônica, pois todos contribuem para a compreensão/depreensão dos sentidos de um texto.

Todavia, é indispensável saber como mobilizá-los na discussão, para que a análise não seja meramente prescritiva. As seguintes questões podem ser discutidas com a turma: é possível identificar, logo no primeiro parágrafo, o que será abordado ao longo da crônica? Em que momento da crônica se percebe uma mudança de assunto? Quais elementos marcam a passagem de tempo e a retomada de tópico discursivo?

Que marcas linguísticas da crônica se aproximam da oralidade, ou seja, do texto falado? Diante do cenário, dos personagens e do enredo apresentados, quais reflexões o autor nos apresenta?

Outras indagações podem ser construídas pelo professor a partir dos conceitos e da análise que trazemos na sessão anterior. A depender do nível de desenvolvimento da turma, bem como das habilidades que se pretende desenvolver, orientar esse exercício de leitura de análise a partir das escolhas linguísticas que o texto traz, pela construção da coesão textual, por exemplo.

Por último, após anotar as contribuições do grupo e socializar as impressões da leitura a partir do que propõe a poética de resistência, cabe demonstrar que, na estética de Lima Barreto, como de tantos outros poetas, vigora um mecanismo de luta contra o preconceito e as desigualdades ainda presentes na sociedade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com o texto literário viabiliza diversos caminhos para que professores e alunos interajam dentro e fora do ambiente escolar. Fomentar a leitura literária apresenta-se como tarefa desafiadora, haja vista que o perfil do leitor se redefiniu em virtude de uma gama de transformações que constituem a dinâmica social. Logo, cabe ao professor levar à sala de aula, de forma mais interativa e interessante, obras literárias que contribuam para a construção do caráter estético dos alunos, visando sua formação leitora, não excetuando os aspectos críticos e políticos inerentes a cada indivíduo.

Nesse aspecto, a obra de Barreto apresenta-se como objeto indispensável à formação de leitores críticos e sensíveis. Embora remonte a um período anterior aos estudos da poética de resistência, defende a voz dos subalternos e reclama seu espaço no universo literário e social. É fonte cara ao ensino de literatura na educação básica pelas possibilidades de análise dos elementos do contexto de produção em que o autor esteve inserido, dos aspectos referentes à linguística textual com linguagem que oscila entre o erudito e popular, e pelas duras críticas à sociedade de classes, oferecendo denso material no tocante à estética literária enquanto ferramenta de denúncia e resistência às desigualdades e injustiças, ontem e hoje.

Pela estética de Lima Barreto é que se propõe uma leitura com vistas à denúncia das realidades vividas pelos que estão à margem, que se comunicam com diversos contextos existentes hoje. Com vistas a esse reconhecimento, a parte inicial deste capítulo trouxe reflexões sobre a trajetória do autor supracitado, e a relação de sua obra com a poética de resistência. Em seguida, no item “Viver é resistir: reflexões sobre a trajetória de Lima Barreto”, foram apresentadas a forma como Barreto enfrentou a

sociedade de sua época por meio de sua produção literária, suas dificuldades e como o preconceito e as desigualdades marcaram seu caráter enquanto escritor.

As marcas de oralidade em suas produções, de forma específica na crônica *Maio*, também foram objeto de análise. O processo de leitura requer do leitor habilidades que suplantam o simples entendimento do código escrito e, nesse sentido, os elementos discutidos por Koch (2002) são base para que o professor, ao apresentar determinada obra aos discentes, discuta os fatores do texto dentro das situações comunicativas e seu entorno sócio-político-cultural. Os aspectos ligados à informatividade textual – a saber, a distribuição de informações relevantes ou não dentro do texto –, e os fatores de contextualização que se manifestam a partir de contextualizadores existentes na superfície do texto permitem, ao leitor, avançar ao longo da leitura.

Nesse sentido, a leitura textual, seja para fins escolares/analíticos, seja para fruição, ajudará os alunos na identificação de princípios que ajudam a chegar na coerência textual. O professor deve estar atento aos fatores destacados, pois ajudarão em suas atividades e permitirão que o planejamento das aulas esteja ancorado em entendimentos que contribuirão para que o alunado desenvolva conhecimentos linguísticos e também aguçe o gosto pela leitura, tornando-se um leitor competente, que possa identificar no texto elementos e ferramentas de construção textual empregadas pelo autor. A partir dessa competência leitora, é possível avançar rumo à apreciação estética e à construção de postura crítica e reflexiva, de forma mais aprofundada, para a formação de leitores que resistem.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola, 2010.
- ASSIS, Lúcia Maria de. O trabalho com a oralidade no Ensino Médio. In: CANO, Márcio Rogério de Oliveira. *Língua Portuguesa – sujeito, leitura e produção*. São Paulo: Blucher, 2016. p. 79-94. (Coleção A reflexão e a prática no Ensino Médio, v. 1).
- BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. São Paulo: Barsileiense, 1956.
- BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. *Itinerários*, Araraquara, n. 10, 1996. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2577>. Acesso em: 13 nov. 2022.
- BRASIL. Base nacional comum curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2018.
- BROWN, Gillian; YULE, George. *Teaching the spoken language: an approach based on the analysis of conversational English*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- CORONEL, Luciana Paiva. Literatura e pobreza no cenário cultural brasileiro contemporâneo. In: GOMES, Ginia Maria (org.). *Literatura brasileira contemporânea: geografias*. Rio Grande do Sul: URI, 2013. p. 49-67.
- FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 11. ed. São Paulo: Ática, 2006. (Série Princípios).

- FERREIRA, Luciana da Costa. A biografia e o biografado: reflexões sobre Afonso Henriques de Lima Barreto. *Revista Travessias*, Cascavel, v. 3, n. 1, 2009. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3261>. Acesso em: 3 dez. 2022.
- FRAZÃO, Dilva. *Lima Barreto: escritor e jornalista*. Disponível em: https://www.ebiografia.com/lima_barreto/. Acesso em: 15 dez. 2022.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2014.
- KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA. *A coerência textual*. 14ª ed. São Paulo: contexto, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel. *Toda Crônica: Lima Barreto*. Volume 1. Rio de Janeiro: Agir, 2004.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *Contos completos de Lima Barreto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SCHWARCZ, Roberto (org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- TOCANTINS. *Documento Curricular do Tocantins – Etapa Ensino Médio*. Palmas, 2022.